



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSIELTON VENÂNCIO DA SILVA

**VERA SÍLVIA ARAÚJO DE MAGALHÃES: AFETOS E AMIZADES NA
DITADURA CIVIL MILITAR**

GUARABIRA - PB

2016

JOSIELTON VENÂNCIO DA SILVA

**VERA SÍLVIA ARAÚJO DE MAGALHÃES: AFETOS E AMIZADES NA
DITADURA CIVIL MILITAR**

Trabalho referente a disciplina de História do período 2011.2 do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba P-B. Este documento segue a orientação da Pr^ª e Dr^ª Susel Oliveira da Rosa realizado pelo aluno Josielton Venâncio da Silva.

GUARABIRA - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Josielton Venâncio da
Vera Sílvia Araújo de Magalhães: [manuscrito] : afetos e
amizades na ditadura civil militar / Josielton Venancio da Silva. -
2016.
18 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Susel Oliveira da Rosa, Departamento de
História".

1. Ditadura Civil Militar. 2. Vera Sílvia Araújo. 3. Afetos.
4. Amizades. I. Título.

21. ed. CDD 981

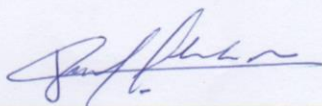
JOSIELTON VENÂNCIO DA SILVA

**VERA SÍLVIA ARAÚJO DE MAGALHÃES: AFETOS E AMIZADES NA
DITADURA CIVIL MILITAR.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial em obtenção do título de Licenciado(a) em História. Área de concentração: Humanas. Orientador(a) Prfª e Drª Susel Oliveira da Rosa.

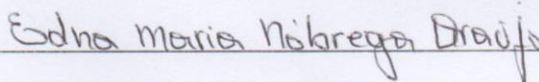
Aprovado em: 02/05/2016.

BANCA EXAMINADORA



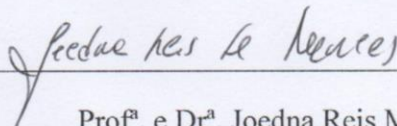
Profª. e Drª. Susel Oliveira da Rosa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª e Drª. Edna Maria Nóbrega Araújo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. e Drª. Joedna Reis Menezes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Deus Todo-Poderoso o dono da vida, pelo fôlego, saúde, força e perseverança no percurso desta caminhada, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas em todos os momentos sendo o maior mestre que alguém pode conhecer.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que contribuíram para a minha formação. A minha orientadora e Prof^a e Dr^a Susel Oliveira da Rosa pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Aos meus avós, Júlia Pereira de Barros e José Braz da Silva, a minha família, amigos e alunos que me apoiaram, incentivaram durante este processo, que marcaram minha vida e contribuíram para minha história. Agradeço ainda a todos os amigos da faculdade pelo companheirismo no decorrer desse período, por tudo quanto aprendi e experiências que compartilhei, restará apenas as lembranças, recordações que o tempo não será capaz de apagar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. A TORTURA.....	09
2.1 SEXTA-FEIRA SANTA.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	17

VERA SÍLVIA ARAÚJO DE MAGALHÃES: TORTURAS, AFETOS E AMIZADES NA DITADURA CIVIL MILITAR

JOSIELTON VENÂNCIO DA SILVA
e-mail: josyeltonvenancio8@gmail.com

RESUMO

A Ditadura Civil Militar, instaurada no país em 1964 até 1985, é marcada por uma intensa repressão político-social. O presente trabalho tem por objetivo preservar a memória da militante Vera Sílvia Araújo de Magalhães e a participação feminina durante o período. Os relatos de torturas, os afetos e as amizades vivenciadas nos cárceres são elementos para a militância política de mulheres opositoras ao regime. Neste cenário, a sua trajetória em favor da igualdade e seu ato de coragem compreendem as diversas formas de resistência.

Palavras-Chaves: Ditadura Civil Militar, Vera Sílvia Araújo de Magalhães, Afetos e Amizades.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória de vida de Vera Sílvia Magalhães, seus afetos e amizades durante a Ditadura Civil Militar, a qual durou mais de 20 anos. Nascida no Rio de Janeiro em 05 de fevereiro de 1948, Vera contribuiu para a história política do nosso país, a mesma travou o bom combate em virtude da justiça, e mais, nunca escondeu de que lado estava e mesmo depois da batalha não se prostrou diante da opressão, injustiça, e principalmente, não abandonou seu povo nem seus princípios. Teve seu estado físico e mental dilacerado, mas não perdeu seu sentido humano, ético e político, se manteve firme diante das ameaças que sofreu. Até hoje sua trajetória serve como exemplo de coragem, foi destemida, uma verdadeira guerreira, que participou de uma das histórias mais importantes e cruéis do nosso país.

No ano de 1964, o Brasil passava por uma Ditadura Civil Militar, ocasionado por um golpe militar que contou com o apoio civil, onde depuseram o presidente João Goulart, terminando em 1985 quando um presidente civil subiu ao poder. Esse período a política brasileira foi governada por militares, durante esse espaço de tempo, foram criados inúmeros órgãos governamentais voltados para a repressão, que tinha como objetivo controlar a vida das pessoas afim de obter informações que circulavam todo o país. Esse período foi marcado por grandes desolações, mortes, desaparecimentos, torturas e perseguições que marcaram todo o contexto histórico da nação brasileira, acontecimentos que não ficaram estacionados ou arquivados na história, mas que se mantiveram vivos na memória daqueles que presenciaram e que tiveram que suportar, lutar, e que foram protagonistas de episódios obscuros. Foram criados órgãos pela instituição que garantiam e davam ênfase ao direito de perseguir, cassar, prender, demitir, enfim, executar toda a sorte de arbitrariedade que mostrava a face do regime.

Vera Sílvia Magalhães foi uma das mulheres que lutou contra a Ditadura Civil Militar, foi economista, socióloga, guerrilheira brasileira, militante da Dissidência Comunista de Guanabara e do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro), uma organização política que teve participação na luta armada contra a Ditadura Civil Militar brasileira e que tinha o desejo de instalar um governo socialista no país. Este movimento surgiu em 1964 no meio universitário da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, Vera ficou conhecida segundo relatos mencionados pela imprensa da época, como: ‘a loira que empunhava dois revólveres,’ devido a sua participação no sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick no ano de 1969. Por ter se envolvido neste ato, foi baleada, presa, torturada e banida do país. Sua história me fez refletir a respeito das atrocidades que foram praticadas por aqueles que tinham desejo pelo poder e que estavam a frente da política no Brasil. Busquei neste estudo enfatizar o valor da amizade envolto a um período tão “obscuro” da história, que mesmo diante de tanta opressão e violência não se deixou aniquilar, um afeto que foi adquirido através de valores, que não se abalaram até mesmo nos momentos onde se pensava que tudo iria acabar.



Fonte:

<https://americasouthandnorth.files.wordpress.com/2013/04/170104-400x600-1.jpeg>

Foto da ex-guerrilheira Vera Sílvia Magalhães, que participou do sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, em 1969.

Em um documentário exibido e produzido pela TV Câmara no ano de 2007, “Vera Sílvia Magalhães, a história de uma guerrilheira”, Vera conta relatos e experiências pelos quais passou. Ela surpreende os telespectadores com sua coragem e por que não dizer: bravura, mostrando a importância que teve a mulher no desenrolar da história do nosso país, precisamente quando remete-se a Ditadura, Vera Magalhães é um exemplo, ela lutou em prol da liberdade, se manteve firme até quando tudo parecia estar perdido, em inúmeras vezes mostrou-se guerreira diante da própria morte, pois as torturas pelas quais foi submetida, lhes deixaram marcas não apenas físicas, mas emocionais que martelaram seu psicológico, sua alma e coração. Soube superar numerosos obstáculos, sua persistência na luta e desejo de viver me deixaram maravilhado ao me aprofundar em sua história, pude perceber o desejo ardente que a mesma tinha em lutar por melhorias que beneficiariam a todos sem nenhuma exclusão, relatos vivenciados por ela e por tantos outros militantes não desapareceram ao longo dos anos, pelo contrário, ganharam admiração e respeito, permanecendo vivo no meio

ao qual estamos inseridos, por mais que muitos não conheçam, seria de extrema importância que todos passassem conhecer a história de Vera Magalhães e de todos aqueles que contribuíram para a contextualização política do nosso país, pois vidas foram dizimadas e merecem nosso total reconhecimento.

Seus afetos, os quais compartilhou com companheiros que também foram perseguidos e enclausurados devido a forte repressão militar, remete-se a intensidade da troca de experiências, da partilha da amizade e de tudo que presenciaram e viveram na década de 1970, relatos e acontecimentos que permearam e trouxeram grande significado para suas vidas nesta respectiva época. Devo ressaltar que Vera Sílvia Magalhães foi submetida a vários interrogatórios, que tinham como propósito obter informações do acusado. Apesar das experiências amargas, Vera se manteve firme diante das acusações e dores, mesmo com seu corpo dilacerado, enfraquecido devido as inúmeras seções de torturas, sua alma e seu coração permaneceram intactos, pois os laços de amizades que foram estabelecidos não se corromperam, se fortaleciam a cada instante.

Nunca mais viverei um momento tão importante como quando me dei inteira para uma causa e perdi. Como era importante salvar um companheiro da cadeia ou de um tiroteio, arriscar a vida por alguém. Tudo isso são valores que adquiri, e os transmito todas as pessoas que passam pela minha vida
(VERA SÍLVIA MAGALHÃES)

Mesmo sendo ameaçada ela não recuou, junto a suas companheiras, e por que não dizer amigas, conseguiram suportar as humilhações, se tornando verdadeiras guerreiras que lutaram até esgotarem suas forças físicas. Tinham objetivos, suas ideias envolviam turbilhões de pensamentos, o ato revolucionário como, por exemplo, em sua trajetória participou de passeatas nas quais integrava luta armada contra a Ditadura Civil Militar, assaltou bancos e supermercados, carros-fortes e postos de gasolina, era de fato uma mulher destemida, uma combatente que não se deixava esmorecer em meio as perseguições, embora marcada pelos traumas do período em que estava em cárcere, manteve constantemente viva em sua memória lembranças que o tempo não apagou, sua clandestinidade, passeatas e lutas armadas contra os militares não abateram suas forças.

2 A TORTURA

No decorrer da entrevista concedida a TV Câmara (2007), Vera vai recordando passagens que incluíam assassinatos, torturas brutais, exílio e desolação, sangue frio, muita ação e o quase ingênuo reconhecimento da derrota e também a respeito da participação das mulheres na luta armada. Cita nomes famosos como: Franklin Martins, Fernando Gabeira e Carlos Marighella. Atravessava lembranças como se fossem uma sessão de tortura que não acabaria nunca mais, as pressões psicológicas não lhe omitiram, trazia em seu semblante as marcas de uma trajetória que não tinha como ser esquecida. Seus relatos tudo quanto passou não dilaceraram seus afetos, nem impossibilitaram seus desejos e expressões.



Fonte : <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2012/07/23/170106-400x600-1.jpeg>

A fotografia revela os efeitos causados pela tortura a qual Vera Sílvia Magalhães (1948-2007) foi submetida em um prédio do Exército no Rio de Janeiro.

Mediante há tantos acontecimentos durante ao regime civil militar, Vera Sílvia, “a loira que empunhava dois revólveres 45”, que na realidade segundo depoimentos dados por

ela “era um 38 que mal funcionava, emperrava toda hora,” promoveu juntamente com seus companheiros, que também lutavam contra o processo ditatorial, ações que viessem romper a censura da imprensa, ação de propaganda armada que mobilizasse o povo. Mesmo destruída pelas torturas, em nenhum momento deixou de falar sobre o que viveu, inclusive quando ressalta que não era contra a Ditadura Civil, e sim contra a Ditadura-Militar-Burguesa e a favor da Ditadura do proletariado. Foi uma das mulheres que participou de um sequestro, tal ousadia não aconteceu de uma hora para outra, estudaram, obtiveram informações a respeito do cotidiano do embaixador. Foi destemida, passou por treinamento não em Cabo Frio como muitos afirmavam. Mas na Barra da Tijuca em uma mata fechada, onde adquiriu habilidades para lidar com arma de fogo.

Eu sinceramente tive medo, tive medo da própria arma, da minha arma, quanto mais das outras que vinham contra mim, eu inclusive achei que eu não tinha menor capacidade pra fazer a luta armada, e não é que eu não só me especializei como me tornei um quadro político basicamente, o quadro intelectualizado, mais eu me tornei um quadro militar. (Vera Sílvia Magalhães).

Queria juntamente com seus companheiros o socialismo, e para que isso acontecesse era inevitável superar todas as dificuldades, a sua posição de revolucionária estava interligada na atuação do seu cotidiano.

Vera Sílvia que não admitia viver sob a Ditadura implantada em 1964, relata que foi submetida a tortura por vários dias, ela aparece sem poder ficar em pé em decorrência dos três meses em que permaneceu sob os “cuidados” de agentes a serviço do Estado Brasileiro, tendo que ser sustentada por Cid Benjamim que também era prisioneiro. Em depoimento concedido à Câmara dos Deputados no ano de 2003, Vera Sílvia foi testemunha viva de tudo aquilo que ocorria dentro dos porões onde eram levados os prisioneiros, torturas que iam contra os direitos ao ser humano, práticas que eram realizadas para destruir a vida. Afirmou ainda que as torturas a impediram de ficar em pé pouco antes de ser levada para Argélia, país para o qual foi exilada. Ela disse que “nunca mais se recuperou fisicamente”. Mas nem a pior das torturas que foram utilizadas contra Vera Sílvia puderam arrancar do seu coração o desejo pela liberdade, nem mesmo as nuvens cinzas e a obscuridade que afetavam o país, onde milhares de pessoas inocentes foram banidas por causa do poder. Como não se comover com relatos daqueles que presenciaram e que foram vítimas de tais violências, assim como Vera

Sílvia e tantos outros companheiros que sofreram dores físicas e psicológicas, e que ficaram face a face com a morte? A ex-guerrilheira fez parte de uma imensa legião de cidadãos brasileiros que fizeram a resistência armada contra os criminosos que assumiram o poder respectivamente em 1964 rompendo a legalidade. Foram poucos cidadãos que não aceitaram se deixar pôr de joelhos diante de tamanha criminalidade, não deixaram se intimidar, ofereceram resistência até o último instante. Suas lembranças não serão esquecidas, pois quando lembramos reconstruímos experiências passadas, que adornam e complementam uma caracterização teórica e prática através de relatos que foram presenciados. Conforme ROSA. (2013, p. 97-98) “A lembrança é construída em conjunto com as nossas percepções atuais, é constantemente atualizada na memória. Lembramos o mesmo acontecimento de maneiras diferentes, na medida em que nós mesmo mudamos”.

Vera Sílvia Magalhães se doou, enfrentou torturas, ficou horas e horas em pau-de-arara, em celas frias sem nenhum conforto, foi uma militante audaciosa que teve participação no sequestro do embaixador americano em 1969, algo que marcou a sua trajetória no período da Ditadura Civil.

Aliada com alguns companheiros colocou em prática o plano que teria arquitetado há dias antes, a mesma ficou encarregada de acompanhar a rotina do embaixador americano, uma tarefa de extrema importância e também de risco, pois só assim conseguiriam efetuar com eficiência o sequestro de uma autoridade militar, o que enfraqueceria a força dos demais componentes militares. Era uma possibilidade de perigo altíssima, mas não se importaram com as consequências, seu objetivo era resgatar seus amigos que tinham sido presos, o plano era fazer uma troca, uma forma de pressionar o Regime Militar para libertá-los. De certo modo isso aconteceu, os presos que estavam aprisionados foram libertos, e os que tiveram envolvimento no sequestro foram presos tempo depois. Após a concretização do sequestro, Vera Sílvia tornou-se símbolo da luta armada, juntamente com seu companheiro José Roberto Spigner, que também era um guerrilheiro, continuaram a luta. Depois deste episódio José Roberto tentando escapar de um cerco articulado pelos militares é alvejado e morto. Em 1970, Vera Sílvia Magalhães é presa em casa no bairro do Jacarezinho junto com outros companheiros, os quais foram denunciados por uma vizinha, a mesma os entregou em troca da liberdade de seu irmão que tinha sido preso acusado de estupro. Vera na tentativa de escapar recebeu um tiro de raspão na cabeça. Depois de sair do hospital foi levada as dependências do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de

Operações de Defesa Interna) no Rio de Janeiro onde foi terrivelmente torturada. Sob poderio do exército e policiais durante três meses, foi submetida a espancamentos, choques elétricos, queimaduras, isolamento em ambientes gelados, e muitas torturas de âmbito psicológicas. Sofreu torturas desproporcionais as quais lhe deixaram sequelas, resistiu e não morreu, o responsável pelas suas torturas era Almicar Lobo, médico renomado, mas que usou suas habilidades para torturar presos políticos pela repressão e integrantes da luta armada contra a Ditadura Civil Militar.

2.1 Sexta-feira Santa

Na impotência de uma fragilidade que tangencia a morte, submerge uma potência superior. No limiar entre a vida e a morte ou entre o homem e o inumano, a desfiguração do corpo é capaz de inventar novas conexões, forças, potências que liberam e atravessam, encontrando “uma vida”. (ROSA, 2013. p.61)

“Fui a única a ser torturada na Sexta-Feira Santa na polícia do exército. E eles me disseram: Você vai ser torturada como homem, como Jesus Cristo” (Vera Sílvia Magalhães).

Ainda sobre seu depoimento concedido a Câmara, Vera Sílvia faz uma classificação a tortura que sofreu como “inteiramente desmesurada”. “Para uma mulher, acho que exageraram mesmo. Fiquei cheia de sequelas, cheia de problemas.”

Devido as fortes torturas sofreu uma hemorragia renal, onde perdera suas forças para se locomover, tentaram destruir sua dignidade, mas não obtiveram êxito, por mais violentas que fossem as torturas sob superar as atrocidades que eram praticadas contra o seu corpo. Passou muitos apertos, esteve entre a vida e morte por inúmeras das vezes, não se recuperou totalmente, fisicamente falando, as seções de torturas lhes deixaram sequelas tanto físicas quanto emocionais, que marcaram pra sempre sua vida, se tornou uma mulher de garra, rompendo limites que até então nunca tinha sido ultrapassados. Um exemplo de superação, tinha o desejo de ver uma sociedade mais justa, digna, e menos corrupta e hipócrita. Mas nem mesmo a tortura ou o exílio prolongado conseguiram abater os sonhos dessas mulheres.” (ROSA,. 2013. p.189)

Em todo o percurso, enfrentando perseguições, sua coragem feminista falava alto, Vera Sílvia, uma mulher intelectual tinha uma meta, a mesma não estava limitada, tinha o desejo de tornar o mundo mais acolhedor. A mulher não tinha muitos privilégios, e as que tinham o desejo por mudanças, que trabalhavam e corriam em busca dos seus ideais eram perseguidas e denominadas rebeldes, por não calar e nem fechar os olhos diante das ações que iam contra os dogmas e preceitos sociais. Hoje temos um grande acervo que ressalta a memória e trajetória de importantes mulheres que contribuíram para a formação do contexto histórico em referência a mulher durante a Ditadura Civil Militar, suas resistências e solidariedade, embora, cercadas por muros, grades e calabouços onde eram praticadas torturas. Investiram na política da afetividade, teceram e arquitetaram alicerces que não desmoronaram durante a opressão, foram verdadeiras guerreiras, que lutaram em favor de causas nobres que envolvem sentimentos e solidariedade e ganhando valores e superando dificuldades.

Devo lembrar que muitas dessas pessoas que lutaram em prol de melhorias para o país ainda continuam desaparecidas, mas ao mesmo tempo é gratificante saber que existem documentos e livros escritos por pessoas que ficaram comovidas com o desenrolar de toda a história, trazendo à tona informações que dantes estavam camufladas, “esquecidas“, perdidas no tempo, mas que se tornaram alvos de importantes discussões considerando e desmascarando a face da Ditadura Civil Militar. Barbaramente torturada, Vera Sílvia buscou forças através do vínculo de amizades, nessa respectiva época a repressão estava a todo vapor e tinha como objetivo exterminar grupos de âmbito políticos que lutavam contra o poder ditatorial, Vera foi uma grande revolucionária, suas propostas não se esgotavam e não estavam presas a uma dimensão política, mas alcançavam também a esfera dos costumes e das relações pessoais, seu diferencial. Se manteve firme, não falou o que os militantes queriam ouvir, espancamentos, histórias sem fim, tudo era bem articulado.

Toda a história relacionada a vida de Vera Sílvia, mostra que a mesma desde a sua adolescência já tinha um certo apreço pela política, recebendo influência de suas leituras, mais precisamente do livro “Manifesto do Partido Comunista” de Marx e Engels, que recebera de um tio ainda em sua infância. Quantas mulheres não foram martirizadas, tiveram sua liberdade e seu direito de se expressar proibido, onde tudo que tinham dentro dos cárceres era a partilha da amizade, foram esquecidas por muitos, suas memórias, suas lembranças e experiências sofreram durante o percorrer dos anos. Horas e horas sendo maltratadas,

oprimidas, torturadas nas celas do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social criado em 1924) e OBAN (Operação Bandeirante montado em 1969) por militantes que tinham apenas um objetivo, obter informações e se fosse necessário exterminar os acusados, geralmente era isso que acontecia quando não tinham respostas daquilo que queriam necessariamente ouvir, muitos ainda hoje encontram-se desaparecidos, “a morte, ou melhor, o assassinato, era uma possibilidade muito presente para todos os que estavam à disposição da repressão”(ROSA,. 2013. p.93). O grau de crueldade foi extremamente forte, vidas dilaceradas, informações que ficaram registradas e arquivadas através de escritos e diálogos entre aqueles que foram confinados aos cárceres da Ditadura Civil Militar.

Nesse sentido, as narrativas construídas através de cartas, correspondências, memórias, diários, autobiografias, blogs, entrevistas, entre outras,” adquirem enorme importância para as mulheres, já que escrever é romper com o anonimato; é fazer existir publicamente”, como ressalta Margareth Rago (ROSA, . 2013. p.197)

Durante o exílio morou em inúmeros países, Argel, Cuba, Alemanha, Chile, Argentina, entre outros, o período que passou fora do Brasil ocupou-se trabalhando e estudando, manteve suas atividades em ativas, mesmo distante do seu país de origem manteve viva a esperança de um dia retornar. Todo seu esforço foi válido, uma mulher de classe média que engajou em uma luta para ver um país livre onde todos poderiam se expressar não se reprimiu após tudo que sofreu, seu exílio não enfraqueceu seu alto-estima. Ainda sob exílio, teve um filho, no ano seguinte (1979) retorna ao Brasil, país o qual queria libertar, retoma suas funções, passa a trabalhar e viver uma nova vida.

Logo, não há um exílio, mas muitos exílios. E, se o exílio foi vivido por muitos como uma experiência negativa- principalmente por aqueles que foram banidos, que passaram pela experiência da tortura, que saíram do país contra a vontade-, com um tempo de solidão, derrota, dor, luto, separações etc., também significou um espaço de liberdade que desestabilizou a fixidez das identidades, oferecendo possibilidades de alterações de rotas. (ROSA, 2013. p.137)

Muitos foram vítimas da crueldade imposta nas prisões, inclusive as mulheres, que conseguiram suportar punições, repressões e até mesmo a clandestinidade, se mostraram corajosas, companheiras eficientes, que até então eram tidas como ameaças em meio à instituição familiar, pelo fato de lutarem por melhorias e liberdade. Vera Sílvia foi um

exemplo, práticas foram articuladas para desvalorizar e inferiorizar a sua dignidade, porém, manteve firme sua posição diante dos agressores que queriam destruir todos os seus ideais.

Devo lembrar que:

Para os órgãos repressores, a mulher militante não é um sujeito político: ela é um prolongamento do homem, este sim sujeito político, com vontade própria. A militante sempre foi vista como mal-amada, a mal-educada: ela optara pela luta clandestina para acompanhar o homem, [...]” (LUSTÓSA, Ana Jussara. 1ªed.2001; 2ªed.2012. p113)

Durante o tempo que passou na prisão, Vera Sílvia manteve vivo seu espírito socialista, era movida pelos afetos, o que lhe dava forças para enfrentar seus torturadores. Ela afirma que: “Valeu, nós ganhamos valores, nós ganhamos amizade...”, por diversas vezes tentaram destruir sua dignidade e abalar seu exterior, algo que acontecia frequentemente com todos aqueles que caíam nas mãos dos repressores, que usavam e abusavam da crueldade para com os prisioneiros, muitos deles inocentes que pagavam por atos nunca praticados. Eram obrigados a entregar companheiros, faziam ameaças que transtornava o consciente das vítimas, homens, mulheres, todo tipo de abuso era praticado, tanto aqueles que resistiram ou não. Quando eram libertos, saíam fragilizados, sem forças, muitos inclusive se suicidaram, pois tinham medo de voltar aos cárceres e não retornarem, fato que aconteceu com muitos. Começava um novo ciclo de vida, uma nova forma de viver no mundo no qual já tinham desfrutado de tanta amargura.

“O que a gente fez de melhor foi construir afetos, amizades, solidariedade e valores. Uma ética de comportamento. A geração de 68 foi muito mais eficaz nisso do que na luta contra a Ditadura” (Vera Sílvia Magalhães)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho faço um respaldo a respeito dos valores que contribuem para a formação social de cada indivíduo. A história desta guerrilheira não será esquecida, suas lutas, determinação e coragem sempre serão lembradas, Vera Sílvia Magalhães, militante que entrou em uma batalha em prol de defender a sociedade, uma mulher que soube superar seus medos e temores. Seus afetos, tudo quanto conquistou ficarão cravados na memória daqueles que acompanharam toda a sua trajetória e conviveram ao seu lado. Amizades que foram alicerçadas diante do caos que assolava a sociedade e o terror dentro das celas que

afetou e destruiu vidas, um período de grandes ondas de perseguições, vítima da opressão imposta pelos ditadores militares, foi uma das que apoiaram o uso da luta armada contra a Ditadura Civil, em meio aos conflitos as diversas visões que afloram diante do mundo são dizimadas e as vozes dissidentes, ou seja, que divergem das opiniões de outros, são de algum modo silenciadas, elas acabam definhando e desaparecendo. A voz de Vera e de seus companheiros ganharam força ao percorrer das manifestações, lutaram até onde puderam, até esgotarem as forças.

Falar de Vera Sílvia Magalhães, que através de seus afetos conseguiu superar os cárceres, foi uma grande honra, refletir a respeito da sua trajetória e resistência é mais que gratificante, saber que mesmo enfrentando perigos, foi capaz de se erguer diante da opressão, se doou em prol da justiça e liberdade. Integrante da guerrilha contra a Ditadura, Vera Sílvia após receber um tiro, foi torturada, mesmo ferida não poupou sua fragilidade, durante seus dias de vida, enfrentou inúmeros problemas, sequelas que lhe acompanharam cotidianamente, foi uma mulher nobre que não desistiu de seus objetivos, superou as doenças ocasionadas devido as torturas que sofreu. A sua imagem como mulher que adentrou em uma luta não será esquecida, sua ousadia e determinação marcaram sua história, seus vínculos de amizades que foram conquistados nas prisões, quantos sonhos, quantos ideias não foram sepultados, mas, repercutiu ganhando proporção nos possibilitando conhecer sua verdadeira história, seus afetos resistiram o desdobramento e desgaste do tempo.

Decorrente as inúmeras sequelas, sofreu um enfarte, que ocasionou sua morte em 2007, tudo quanto viveu seu testemunho, serve como exemplo para a nossa geração. Conseguiu romper o anonimato, não ficou restrita ao passado, ganhou respeito e admiração de todos quantos a conheceram, sua ingenuidade conquistou muitos corações, superou obscuridades, Vera Silvia de Araújo Magalhães, mulher que lutou e que esteve a frente de manifestações que iam contra a Ditadura Civil Militar, impondo pensamentos, cruzando limites, tornando-se uma guerrilheira, marca que lhe acompanhou até seu último suspiro.

ABSTRACT

The Civil Military Dictatorship, which began in 1964 and lasted until 1985, is intense politico-social repression. In this article we seaches to preserve the memory of Vera Silvia Araújo Magalhães and feminine participation during the period. The reports of torture, the

affections and friendships experienced in prisons are elements to the political activism of women antagonists to the regime. In this scenery, your trajectory in favor of equality and his courage to act comprises the various forms of resistance.

Key-words: Civil Military Dictatorship, Vera Sílvia Araújo de Magalhães, Affections and friendships.

REFERÊNCIAS

LUSTÓSA, Ana Jussara. 1ªed.2001. 2ªed.2012 (Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber / organização de Patrícia KriegerGossi, Graziela C.Werba. – Porto Alegre.

EDIPUCRS, 2001. Autora: Ana Jussara Lustósa, Ana Maria Züwick, Beatriz GershensonAguinsky, Clara Isabel Ibias, Graziela C. Werba, Isabel Cirstina de Oliveira Jungblut .

ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante. “ Fafesp, 2013. São Paulo.

SCHILLING, Flávia. “A história da resistência não deve ser esquecida. ‘ Cadernos IHU/UNISINOS,V.1 .

Filmes:

O que é isso companheiro? Gênero: Drama. Tempo de duração: 105 minutos. Ano de lançamento (Brasil) 1997. Estúdio: Luiz Carlos Barreto produções. Cinematográficas: Filmes do Equador Pandora. Direção: Bruno Barreto. Roteiro: Leopoldo Serran, baseado no livro de Fernando Gabeira. Produção: Lucy Barreto e Luiz Carlos Barreto. Fotografia :FélicMonti. Edição: Isabelle Rathery. Elenco: Alan Arkin, Fernanda Torres, Pedro Cardoso, Luiz Fernando Guimarães, Cláudia Abreu, Néelson Dantas, Matheus Natchergaele, Marco Rica, Maurício Gonçalves, Caio Junqueira, Selton Mello, Du Moscovis, Caroline Kava, Fernanda Montenegro, Lulu Santos, Alessandra Negrine, Antônio Pedro, Milton Gonçalves, Othon Bastos.

Vera Sílvia Magalhães a história de uma guerrilheira. Documentário, TV Câmara, 2007.

Carcara-ivab.blogspot.com- (Acesso em 04 de Janeiro de 2016 às14:50 hrs)

Folha de São Paulo-(Acesso em 04 de Janeiro de 2016 às 13:53 hrs)

Fonte: <http://correiodobrasil.com.br/militares-que-torturaram-e-mataram-devem-ser-punidos-afirma-ex-guerrilheiro> (Acesso em 12 de janeiro de 2015 às 15:10 hrs)

Fonte: <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2012/07/23/170106-400x600-1.jpeg> (Acesso em 25/03/2016 às 19:38 hrs)

Fonte: <https://americasouthandnorth.files.wordpress.com/2013/04/170104-400x600-1.jpeg> (Acesso em 12/04/2016 às 22:10 hrs)

Memória Política- Vera Sílvia Magalhães <https://www.youtube.com/watch?v=q8fUe7vsj2s> (Acessada em 25 /03/2016 às 20:26 hrs)

MORETTI, Isabella. **“Regras da ABNT para TCC: conheça as principais normas”**. 2014. Disponível em: <<http://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas>>. Acesso em: 04/01/2016.